



ÁLTERA

Revista de antropologia
N. 17, 2024

Zerstreut (1930)
Wassily Kandinsky

Dossiê:
ANTROPOLOGIA
DO ENSINO E DA
APRENDIZAGEM



ANTROPOLOGIA DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

Anthropology of teaching and learning

Antropología de la enseñanza y el aprendizaje

Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato

Doutor em Antropologia Social, Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: rodrigo.rosistolato@gmail.com

Luiz Alberto Alvez Couceiro

Doutor em Sociologia e Antropologia, Professor no Departamento de Sociologia & Antropologia da
Universidade Federal do Maranhão

E-mail: luizalbertocouceiro@gmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 17, 2024, e01700, p. 1-6

ISSN 2447-9837



APRESENTAÇÃO

O dossiê “Antropologias do ensino e da aprendizagem” é mais um fruto de quase duas décadas de diálogos entre os organizadores sobre atividades de ensino e aprendizagem em ambientes educacionais, bem como análises comparativas de situações pedagógicas vividas em duas universidades federais no Brasil, alguns deles publicados em Couceiro & Rosistolato (2022a) e Couceiro & Rosistolato (2022b). Ele apresenta reflexões em duas vias complementares: Por um lado, lança foco nas atividades de antropólogos(as) nas salas de aula nas quais atuam como professores(as) de antropologia. Por outro, traz reflexões de pesquisadores(as) que têm a aprendizagem e o ensino de antropologia como objetos de reflexão.

A escola e as salas de aula na contemporaneidade, via de regra, são espaços naturalizados *per se*. No caso brasileiro, a maioria absoluta da população frequenta ou frequentou tais ambientes no decorrer da infância, da adolescência e às vezes da idade adulta. Em certa medida, esta presença massiva das salas de aula em nosso cotidiano reduz a possibilidade de estranharmos tais espaços, o que faz com que a sua conversão em objeto de reflexão antropológica ganhe tonalidades específicas. Ao mesmo tempo, quando as adentramos como professores(as), enfrentamos questões que se impõem para além de nossos desejos, diretamente conectadas com temas clássicos das Ciências Sociais, tais como classe, raça, gênero, sexualidade, geração, interculturalidade, entre outros. São conceitos que ajudam os(as) pesquisadores(as) no balizamento de tendências estruturais que compõem os baralhos acerca dos quais as pessoas produzem seus agenciamentos educacionais, em seus perfis de envolvimento em reconhecidos ambientes pedagógicos. Mas, em si, conectados ou não, não são pessoas, relações e ações em paradoxais maneiras de existir.

Tem-se, nestes espaços, possibilidades infinitas de produção de conhecimento antropológico que envolve tanto a conversão de antropólogos(as) em professores(as) de antropologia, quanto os processos sociais que atravessam toda e qualquer atividade de ensino e aprendizagem. A construção do olhar antropológico sobre a escola, portanto, revela facetas múltiplas das culturas envolvidas nas relações de docentes e discentes com vivências pedagógicas.

O dossiê é composto por nove artigos, cinco deles realizados por pesquisadores(as) brasileiros(as). Os outros quatro são oriundos de pesquisas desenvolvidas na Europa e na América do Sul. Três deles contemplam questões relacionadas às infâncias, à maternidade e às escolas.

Suzana Cavalheiro de Jesus, no artigo “Educação, cuidado e política: notas sobre uma etnografia participativa em territórios indígenas e quilombolas” analisa a série de intercessões entre maternidade, cuidado e educação nas relações desenvol-



vidas entre mães e crianças indígenas e quilombolas; todas atravessadas pelos dilemas trazidos pela pandemia causada pela disseminação da COVID-19. Uma das forças do texto é demonstrar potentes articulações conceituais de trabalhos de Ochy Curiel para estudos educacionais.

Laura Beatriz Cerletti, no artigo “Entre la maternidade como aprendizaje y los aprendizajes de lxs hijxs. Um análisis antropológico tras la pandemia” também contempla atravessamentos trazidos pela pandemia nas dinâmicas de cuidado, educação e escolarização dos filhos. Seu estudo envolve mãe e filhos em cenários urbanos na região metropolitana de Buenos Aires, avaliando situações de hostilidade desafiadora para o não abandono educacional.

Maritza Díaz Barón em “Reconfigurar las nociones de infancia y la educación inicial desde las pedagogías propias” problematiza as noções de educação e infância ocidentais com base em uma etnografia de longa duração junto aos Pediküa, uma população Pãmiwa, que vive em uma cidade no Vaupés colombiano.

Os três artigos apresentam reflexões substantivas sobre os significados sociais do cuidado, da maternidade, da educação e da escolarização de crianças. Revelam, portanto, processos de produção de significados construídos nas interações entre as mães com seus(as) filhos(as) em ambientes de socialização residencial e escolar.

Na sequência, temos três artigos que mergulham nas especificidades do ensino nas escolas. Um deles, de Maximiliano Rúa, no texto “Aprendiendo lo común en el hacer de la actividad: aprendiendo a aprender con otros/as en la cotidianidad escolar” realiza uma abordagem antropológica sobre o cotidiano das crianças nas salas de aula, enfatizando crianças que interagem no desenvolvimento de uma mesma tarefa. Os outros dois, discutindo mediações pedagógicas e culturais e os sentidos atribuídos à antropologia nos materiais didáticos.

As dinâmicas de ensino e aprendizagem em sala de aula também são contempladas por Ricardo Vieira, Ana Maria Vieira e José Carlos Marques, em “Construindo traduções e interculturalidade entre margens culturais distintas: a mediação como socioantropologia aplicada à reconstrução identitária, ao ensino e à aprendizagem”. Os autores discutem a sala de aula enquanto potência existencial, no sentido da construção de espaços de produção da interculturalidade como modo de vida e de conhecimento.

Andrea Lúcia da Silva de Paiva, no artigo “Antropologias e ensino: a formação docente à luz dos materiais didáticos” produz uma etnografia documental do conjunto de materiais didáticos que compuseram o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), em 2021. Ela mostra significados atribuídos à antropologia nestes materiais, indicando processos de textualização de entendimentos sobre ideias de cultura e da própria antropologia.



Em conjunto, os artigos lançam luz sobre amplos e desafiadores quadros das investigações antropológicas relacionadas ao ensino e à aprendizagem, considerando os processos relacionais, coletivos e pessoais, dos agentes neles envolvidos e que transformam disciplinas acadêmicas em disciplinas escolares.

A terceira seção do dossiê é composta por mais três artigos que apresentam questões relacionadas ao ensino de antropologia e ao tornar-se professor no ensino superior.

Jonas Henrique de Oliveira, no artigo “O ensino de antropologia no interior do Nordeste Brasileiro” avalia a consolidação de cursos de licenciatura em Ciências Sociais em uma universidade do interior da região Nordeste, trazendo reflexões relacionadas às decisões sobre os conteúdos antropológicos definidos para serem ensinados, assim como outras relativas às experiências de ensino.

Marisol Rodrigues Góia, no texto “Entre privilégios e perrengues, relato autobiográfico de uma professora de antropologia” mergulha em um processo reflexivo sobre a sua própria trajetória, desde a formação até a inserção em espaços de ensino de antropologia para não antropólogos(as). Trata-se de uma autobiografia que nos mostra aspectos centrais dos dilemas e perspectivas de antropólogos(as) inseridos em um campo de atuação profissional cada vez mais plural.

Amurabi Oliveira, em “O *Habitus* antropológico: algumas reflexões a partir dos memoriais para professor titular” analisa as trajetórias de antropólogos conforme foram descritas nos memoriais que compõem o rito em direção ao topo da carreira universitária nas universidades federais no Brasil. Com base neles, argumenta sobre a construção do “*Habitus*” antropológico presente nas estratégias do desenvolvimento das carreiras docentes.

Os três artigos revelam processos relacionados à construção cultural de antropólogos(as), considerando tanto a formação institucionalizada em cursos de Ciências Sociais nas universidades quanto as escolhas, projetos e sonhos, em diversos perfis de contradições, desenvolvidos após a conclusão das suas formações acadêmicas e a progressiva inserção no mercado de trabalho.

As três seções do dossiê podem ser lidas em conjunto ou em separado. Em conjunto, revelam o mosaico de questões relacionadas ao ensino e a aprendizagem de antropologia nos contextos analisados. Em separado, permitem focar nas questões de cuidado, educação e aprendizagem, bem como dinâmicas de ensino e produção de materiais didáticos, e nas trajetórias de antropólogos(as) que se tornam e formam professores no Brasil.

Boa Leitura!



REFERÊNCIAS

COUCEIRO, Luiz A.; ROSISTOLATO, Rodrigo, 2022a. **Etnografia e tempo nos estudos educacionais.** *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 24, n. 2, e82327, p. 51-73, maio.

COUCEIRO, Luiz A.; ROSISTOLATO, Rodrigo, 2022b. **Estratégias didático-pedagógicas no ensino on-line de antropologia em contexto pandêmico.** *Revista Antropolítica*, v.54, n.3, Niterói, p.245-272, 3. quadri., set./dez.

